

ENTRE O OLHAR E O ESCREVER: O USO DA ETNOGRAFIA NA PESQUISA COM SURDOS

*Denise Cristina Ferreira (1); Carlos Joseph Ramos Rafael (1); Patrícia Oliveira Santana
dos Santos (2)*

*Doutoranda pelo programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - UFCG e professora de sociologia do
Estado e da União de Ensino Superior de Campina Grande, denisecristina20_cg@hotmail.com (1)*

*Mestrando pelo programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UFCG e Professor da disciplina de
sociologia pelo estado da Paraíba (1)*

Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

paty_sfc@hotmail.com(2)

Resumo

Este artigo tem o objetivo apresentar o uso da etnografia como um importante método na pesquisa com surdos. Sabendo que a cultura surda se apresenta nas suas particularidades, observar, analisar e perceber tais indivíduos faz do estudo etnográfico um aporte significativo para tal análise. A partir da leitura de autores clássicos da antropologia procuramos evidenciar primeiramente o surgimento e conceito da etnografia, seguindo de estudos mais recentes sobre o uso da etnografia entre a comunidade surda, tendo como base principal Malinoski (1978), Boas (2004), Geertz (1989), Clifford (1998), Laplantine (2003), Magnani (2007) entre outros. Refletir sobre a perspectiva teórica e metodológica da apreensão da diferença é importante, uma vez que nos ajuda a pensar nas singularidades presentes na comunidade surda, promovendo assim a abertura de uma discussão que se faz necessária na academia, além de pensar em maneiras de pesquisa e observação do outro. Concluiu-se, portanto, que o método etnográfico, devido à sua particularidade, permite o registro de contextos de cultura diferenciados, considerando que a percepção das experiências e vivências de cada grupo nos revela muito mais semelhanças do que o que se costuma chamar de “estranho” e “exótico”. O processo de observar, escutar, descrever e interpretar sobre determinado grupo é um processo fundamental para se conhecer a cultura do outro, mesmo não conhecendo a linguagem que lhe é própria. Espera-se assim que esta pesquisa possa auxiliar na reflexão sobre inclusão, no que diz respeito à variedade de análise do campo metodológico, permitindo a aproximação da discussão de alteridade com a comunidade surda.

Palavras Chaves: Etnografia. Metodologia. Pesquisa. Cultura. Surdo.

INTRODUÇÃO

A história social foi marcada durante muito tempo pela negação de indivíduos que não eram considerados “normais”, sendo estes, excluídos socialmente ou pela cor da pele, ou pela

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

classe social, ou até mesmo por apresentar alguma limitação física. Muitos destes momentos ainda refletem na contemporaneidade na condição daqueles que são diferentes, a exemplo dos surdos. Pensar a condição destas pessoas no campo da sociabilidade é fundamental, uma vez que, o processo educacional deve caminhar dentro deste processo de discussão e aceitação do outro.

Quando nos referimos aos surdos é importante situá-los dentro do contexto histórico social, cultural, educacional, político e econômico no qual ele encontra-se inserido. É sabido que durante muito tempo os surdos foram considerados como “incapazes”, “deficientes” e sem “utilidade social”. Segundo Dias (2006) até meados do século XVI eles eram vistos como ineducáveis e sem utilidade a sociedade. Devido a isto, enfrentavam por parte da sociedade o preconceito, a piedade, o descrédito e até mesmo a denominação de loucos, sendo assim estigmatizados.

Foi através da experiência do médico pesquisador italiano Gerolano Cardano (1501-1576), que a surdez foi diagnosticada como algo que não era prejudicial ao processo de aprendizagem educacional, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar suas vontades (JANNUZZI, 2004). A partir disto, começou a se pensar em perceber o surdo a partir de observações e ao longo do tempo foi ficando perceptível que eles se comunicavam por meio de gestos. Tais gestos foram sendo aperfeiçoados e essa proposta previa que educadores deveriam aprender os sinais dos surdos, com o objetivo de ensinar sobre a sociedade de modo geral (LACERDA, 1998). Logo, neste período começa a surgir a Língua de Sinais, como meio de favorecer o processo de comunicação.

A sociedade atual vem aos poucos se inserindo numa discussão acerca da importância da inclusão social e do estudo das diferenças. Os centros de educação vêm aos poucos se inserindo num debate importante acerca da inclusão social. É importante também pensar sobre recursos teóricos metodológicos que nos auxiliem na pesquisa em relação às diferenças na sociedade ampliando ainda mais nossos conhecimentos.

A antropologia é uma ciência que nos permite apreender a alteridade e ainda nos coloca mais próximo com o outro, aquele que é diferente de nós. Uma vez que a etnografia visa à compreensão da cultura de um grupo de pessoas com o objetivo de entender determinados tipos de comportamentos, o método etnográfico também nos auxilia nesse processo. Nesse sentido, objetivamos nesse trabalho apresentar algumas incursões teóricas que nos ajudam a refletir sobre o uso da etnografia como aporte metodológico para a análise da comunidade surda. Mais especificamente, objetivamos analisar a perspectiva histórica do

surdo na sociedade; apresentar o conceito de etnografia; refletir sobre a etnografia como recurso que auxilia na compreensão do outro, neste caso, os surdos.

METODOLOGIA

Nesta seção, discorreremos acerca dos procedimentos metodológicos da pesquisa, para a realização desta pesquisa tomamos como base a contribuição de Gil (2008) no que concerne a revisão bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 2008, p.50)

Portanto, esse trabalho foi realizado a partir de uma revisão de uma literatura especializada contando com a contribuição de livros, artigos científicos, demais produções encontradas nas plataformas científicas, na intenção de teoricamente apresentar as bases fundamentais para a análise da comunidade surda e a importância do uso da etnografia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A antropologia como um dos ramos das ciências sociais surge dando seus primeiros passos em fins do século XIX, na Europa, no mesmo contexto sócio histórico em que surge a sociologia. Mesmo surgindo a partir de um mesmo contexto histórico, elas possuem universos de estudo diferentes, sendo uma preocupada com as relações sociais e a outra com a construção das criações simbólicas de um determinado grupo social. Os primeiros antropólogos, conhecidos como antropólogos de gabinete, eram cientistas que buscavam os conhecimentos das sociedades ditas “primitivas”, eles não coletavam seus dados de forma direta, se baseavam em informações coletadas por viajantes, missionários, sobre o “outro”, a “diferença”, o “estanho”. Mas, os pesquisadores passaram a deixar seus gabinetes para aprender não apenas a viver entre as pessoas das comunidades que estudam, mas a viver como eles, a falar e pensar na sua língua, a sentir as emoções como alguém que vive naquele lugar, dessa fora, tentando alcançar melhor a cultura nativa, buscando apreender assim a totalidade de seus aspectos.

Foi a partir de Franz Boas (1858-1942), um alemão radicado nos Estados Unidos e Bronislaw Malinowski, um polonês oriundo da Inglaterra que passa a ser dada uma maior ênfase ao “trabalho de campo”. Malinowski (1978) já falava de questões metodológicas no início do século XX, quando conviveu com os trobriandeses, em Papua, Nova Guiné, no Pacífico Ocidental, e ressaltava que “textos servem como documentos que incorporam as ideias nativas sem qualquer elemento estranho” (p. 331) – e destacava a importância também de preservar as identidades dos participantes da pesquisa. Boas destacou que em campo tudo deve ser anotado, desde os materiais que as casas são construídas, até as notas musicais cantadas, no seu caso, pelos esquimós.

Nesse sentido, algo central na etnografia é a observação participante, uma técnica de pesquisa que visa à “permanência” do pesquisador em campo, um contato mais continuado de pesquisa e que se apresenta útil aos pesquisadores, visando compreender as relações sociais cotidianas através de uma ótica cultural. Se faz importante destacar que os registros coletados pelo pesquisador que se utiliza do método etnográfico difere daquele registro realizado pelo viajante, o turista e ainda aquele registro folclórico. Isto porque, o etnógrafo encontra-se preocupado em apresentar a lógica na qual se encontra estruturada determinada cultura, ou prática cultural a partir de um processo de descrição onde os dados devem estar densamente entrelaçados (GEERTZ, 1978).

Malinowski (1978) contribuiu de forma precisa para a consolidação da pesquisa etnográfica, pois, antes dele, havia uma distância entre pesquisador e campo. Ficando assim a cargo de um pesquisador colher elementos, enquanto outro tecia as reflexões teóricas¹. Foi a partir de Malinowski (1978) que podemos falar da união entre ofícios, a pesquisa de campo e a análise teórica. Sendo assim possível o etnógrafo observar e analisar o comportamento e as relações sociais de determinado grupo. Por isso Malinowski (1978) usou como instrumentos de pesquisa, o caderno de notas para a coleta de dados, e o diário de campo.

Para Laplantine (2003), “A abordagem antropológica provoca, assim, uma verdadeira revolução epistemológica, que começa por uma revolução do olhar” (LAPLANTINE, 2003, p.22).

Por isso, caberia ao pesquisador,

[...] a partir desse momento que ele deve deixar seu gabinete de trabalho para ir compartilhar a intimidade dos que devem ser considerados não mais como informadores a serem questionados, e sim como hóspedes que o recebem e mestres que os ensinam. Ele aprende então, como aluno atento, não apenas a viver entre eles, a falar a sua língua a pensar nessa língua, a sentir suas próprias emoções dentro dele mesmo (LAPLANTINE, 2003, pp. 75-76).

¹ Clássicos do pensamento evolucionista na antropologia: Lewis Henry Morgan (1818-1881), Edward Burnett Tylor (1832-1917) e James George Frazer (1854-1941), considerados como “antropólogos de gabinete” (FRAZER; MORGAN, 2004).

A partir dessas discussões surge a etnografia como método de pesquisa para se pensar na diferença e no abrir-se ao outro. Isto porque, no fazer etnográfico, o pesquisador deve abrir mão de seus próprios conceitos e pré-conceitos e estruturar sua pesquisa a partir das próprias explicações nativas. Etmologicamente a palavra etnografia vem de etno (pessoas, ou grupo social) e grafia, do grego graf(o) (escrever). Dessa forma, em seu sentido mais estrito, a etnografia pode então ser descrita como a escrita científica sobre determinados grupos de pessoas. No seu sentido mais lato, etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, manifestações culturais e materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo. Não ficando apenas nessa definição tomando contextos ainda mais significativos na sua análise. Praticar etnografia não se limita a escrever diários, estabelecer relações e mapear campo, mas também de elaborar uma descrição mais densa sobre um grupo de pessoas e refletir, analisar o significado desses atos a partir delas, levando em consideração as particularidades dos contextos em que estes indivíduos vivem (GEERTZ, 1989).

A diversidade na sociedade é algo que deve ser pensando e debatido em todas as áreas a ponto de formar profissionais para uma prática mais humanizada. Desta maneira Mynaio (2003) retrata que a presença das ciências sociais e humanas (antropologia, sociologia, economia, política, história, filosofia, ética, estética) foram se consolidando como fundamentais para a compressão da vida, do trabalho, do adoecimento e até mesmo para repensar as diferenças na sociedade.

Carlos José Cantor Magnani é um renomado antropólogo brasileiro com grande influência nos estudos urbanos. Ele escreveu um trabalho (MAGNANI, 2007) que foi significativo no campo de pesquisa com pessoas surdas, procurando conhecer de dentro a vivência delas. Inicialmente o autor menciona sua dificuldade em relação ao desconhecido da língua de Libras (Língua Brasileira de Sinais), mas mesmo assim aceita o desafio. “O pedido era para identificar a rede de sociabilidade dos surdos na cidade, a partir das categorias de pedaço, mancha, trajeto, circuito utilizadas em pesquisas do Núcleo de Antropologia Urbana” (MAGNANI, 2007, p.01). O trabalho foi desenvolvido por meio da etnografia do festejo junino, e logo no início a proposta do autor foi tentar por meio da literatura demarcar as diferenças entre as expressões “deficiente auditivo” e “surdo”, uma vez que estes são termos que ainda geram muita confusão na sociedade.

Assim, ainda que no senso comum "deficiente auditivo" e "surdo" sejam tomados como sinônimos ou como índices de grau, eles apontam para campos de reflexão, atuação e atitudes diferentes. Se na área das ciências da saúde, por exemplo, esta condição é predominantemente encarada como uma falta, nas ciências humanas e sociais (linguística, história, antropologia, pedagogia, ciências cognitivas e da mente) a tendência é encará-la sob o ângulo de uma marca distintiva, geradora de formas de comunicação, relações, valores, práticas e comportamentos específico (MAGNANI, 2007, p.02).

De acordo com o autor ainda prevalece de alguma maneira no senso comum a concepção de que a surdez na sociedade ainda é considerada uma patologia, o que de certa maneira impossibilita a maneira como “nós” podemos perceber o “outro”. Na sua pesquisa, constatou a importância da música e dos festejos juninos entre os surdos, como forma de lazer, existindo assim uma comunidade surda ou uma cultura surda que faz parte da sociabilidade destas pessoas. Segundo Magnani (2007) foi uma experiência significativa perceber os surdos não somente a partir da patologia, mas sim das vivências e experiência do contexto social e cultural.

A estratégia de pesquisa de campo começou pela área do lazer, levando-se em consideração não apenas a linha de trabalho seguida em trabalhos anteriores, com a qual tenho familiaridade, mas também a importância que os surdos dão a atividades como esporte, teatro, atividades religiosas, festas, cerimônias - justamente porque abrem um rico e constante espaço de encontro e de trocas, crucial para a constituição do seu circuito (MAGNANI, 2007, p.09).

O autor descreve ainda as particularidades observadas por ele no campo que merecem ser ressaltadas. Neste momento, descreve o autor,

Fiquei duas horas de frente para uma parede, vendo de soslaio o movimento de entrada e saída das pessoas e observando-as em suas dinâmicas de encontro e comunicação. Fiquei constrangido para levantar e circular e até mesmo para ler os cartazes e avisos. É verdade que logo na chegada, após sentar-me na fatídica cadeira, caiu um cartaz da parede e dispus-me a recolocá-lo, no que fui ajudado por um dos presentes, devidamente paramentado com um enorme chapéu de vaqueiro. Como faltava um pedaço de fita adesiva, ele foi buscar; pregamos o cartaz e no final foi possível trocar um olhar.... e contemplei, longamente, um aviso que estava logo em frente: "Não jogue lixo no chão, jogue no lugar certo". Depois disso nenhum dos surdos me dirigiu um olhar sequer, mesmo quando passavam por mim: certamente eu estava fora de lugar; era, logo à primeira vista e de longe, um estranho; eles, ao contrário, estavam em seu ambiente, seu pedaço, à vontade, entre iguais. Não havia possibilidade de contato, a não ser

por meio de algum tipo de interpelação, diferentemente de outras situações de pesquisa onde ao menos perguntas de valor "fático" seriam possíveis - onde é o banheiro? Quanto custa o sanduíche? O que vai acontecer agora? (MAGNANI, 2007, p.19).

O pesquisador aponta de forma interessante o fato de o surdo reconhecer que ele estava num local que lhe era desconhecido, uma vez que ele não sabia a sinalização. No entanto, Magnani (2007) percebeu este momento fascinante como a melhor maneira para observar o que é completamente estranho ao pesquisador. Uma vez que, se a etnografia nos permite experimentar a vivência do outro “quem sabe é dessa forma que um surdo se sente quando está no meio de ouvintes que nem ao menos se dão conta de sua particularidade” (MAGNANI, 2007, op. cit).

Então, quando pensamos em analisar um grupo social, analisar culturas estilos de vida, estamos realizando um processo de deslocamento. É esse processo de deslocamento que nós estamos tentando refletir neste trabalho, pois, o olhar, ouvir e escrever, elementos próprios do trabalho etnográfico. No que concerne ao que estamos destacando nesse trabalho o olhar se coloca como fundamental quando nos referimos à comunidade surda. Nossa preocupação é estar atento a essa viagem ao mundo do outro nos esforçando para perceber a sociabilidade a partir do olhar da alteridade. E mesmo tendo a dificuldade muitas vezes no processo de comunicação como no caso de um pesquisador não surdo e que não domina a linguagem da comunidade surda, nós nos detemos no olhar como a forma mais exata da expressão, dos gestos e das posturas.

Souza e Gediél (2017), ao descreverem sobre a constituição dos sinais próprios e o processo de nomeação das pessoas Surdas, levaram em consideração a fonologia que trata de questões relevantes da cultura da comunidade de fala estudada. Realizada por meio da etnografia os autores, procuraram evidenciar em uma cidade da Zona da Mata Mineira, o mapeamento dos sinais próprios e a verificação de suas principais características fonológicas.

A partir dessa perspectiva, podemos compreender os Surdos sinalizantes em um município da Zona da Mata Mineira (MG) como uma comunidade de fala, na medida em que compartilham as especificidades históricas, as divergências e as mudanças sociais presentes na língua. Assim, os sinais próprios são significados compartilhados entre os membros e estão sujeitos a mudanças sociais, históricas e culturais percebidas tanto nos aspectos estruturais dos sinais quanto na maneira como os sujeitos se relacionam por meio deles (SOUZA, GEDIÉL, 2017, p. 169).

Segundo Souza e Gediel (2017) o percurso metodológico usado para compreender a comunidade que fala parte da perspectiva qualitativa foi à etnografia realizada por meio da observação participante. Tiveram ainda o auxílio do caderno de notas, o diário de campo como instrumentos de pesquisa. A câmera fotográfica e a realização de entrevistas semi-estruturadas também foram utilizadas como recursos metodológicos. “Logo, para compreender o significado das ações sociais e o que os indivíduos de uma determinada cultura falam enquanto desempenham certa atividade interacional, é preciso compreender os aspectos sociais e culturais da língua em questão” (SOUZA, GEDIEL, 2017, p. 170).

Tendo em vista a análise dos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi planejada e desenvolvida da seguinte maneira,

[...] primeiro, mapeamos quem eram os Surdos responsáveis pela nomeação através de entrevistas com Surdos e intérpretes do local e categorizados como Surdos líderes. Concluída essa etapa, partimos para o segundo percurso metodológico, que envolveu o acompanhamento dos Surdos nas atividades diárias, como ir à casa dos Surdos, acompanhá-los nas suas atividades diárias e em movimentos religiosos. A partir das entrevistas e das observações, bem como da catalogação dos sinais próprios dos Surdos – realizada no decorrer da inserção em campo –, triangulamos os dados para tecermos as análises acerca do processo de nomeação dos Surdos na cidade (SOUZA, GEDIEL, 2017, p. 172).

Como vem sendo exposto no trabalho, o olhar etnográfico que se pode direcionar a uma pesquisa pode ser comprometida por diversos fatores. Isso nos incita a pensar maneiras de lidar com estas análises sem projetar nossos valores, desejos e anseios. Ou seja, ao utilizar o método etnográfico, o pesquisador rompe com uma lógica etnocêntrica, entendendo a cultura pesquisada a partir de sua própria lógica. A etnografia nos permite o encontro com o outro através de um processo de relativismo cultural, podemos considerar também que isso implica num deslocamento do pesquisador. Quando falamos em deslocamento não estamos nos ferindo apenas aquele em que o pesquisador sai do seu universo para visitar campo de pesquisa com a intenção de anotar o cotidiano dos grupos. Mas, também, quando pensamos no processo de estranhamento e problematização que o pesquisador realiza pensando sua própria cultura.

Considerações

Como se pode perceber, as metodologias qualitativas tem tido êxito em vários campos de saberes. Dentre as varias formas assumidas, a pesquisa etnográfica, originaria do campo da antropologia tem tomado inúmeros espaços, transitando entre as ciências sociais e se expandindo de forma geral. O método etnográfico, devido à sua particularidade, permite o registro de contextos de cultura, considerando-se a percepção das especificidades de cada grupo observado, mesmo que este nos pareça “estranho” e “exótico”. Como descreve Laplantine (2003) podemos afirmar que o pesquisador deve observar todos os elementos que imprimem sentidos, tais como a visão, o olhar, a memória e o imaginário. Nesse sentido, podemos perceber que o uso da etnografia como recurso metodológico no trabalho a partir de pessoas surdas tem se mostrado como grande aliado, contribuindo para o conhecimento e para a construção da identidade de um grupo.

Agradecimentos

Á Deus pela saúde e aos indivíduos que nos permitem as vivências com a diferença.

Referências

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988: atualizada até a emenda Constitucional número 20, de 15 de dezembro de 1988. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Organização de Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: A antropologia e literatura do século XX**. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DIAS, V. L. L. **Rompendo a barreira do silêncio: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental**. 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

FRAZER, James George; MORGAN, Lewis Henry. **Evolucionismo cultural**. Org. Celso Castro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º Ed. São Paulo: atlas, 2008.

JANNUZZI, G. S. M. A. **Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004, 243p.

LACERDA, C.B.F.de. A prática fonoaudiológica frente às diferentes concepções de linguagem. **Revista Espaço, Instituto de Educação de Surdo**, v.10, p.30-40, 1998.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução: Marie- Agnès Chauvel São Paulo Brasiliense, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. (1978). **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Contribuições da Antropologia para pensar a saúde. IN: **Tratado de Saúde coletiva**. Org. CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; ARKEMAN, Marco; et. al. Editora: Huncitec, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Vai ter música?: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. **Ponto Urbe** São Paulo, Vol. 01. Julho de 2007. Disponível em: <https://pontourbe.revues.org/1239>. Acesso em: 12/08/2016.

OLIVEIRA, R. C. de, “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Em O trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo. Editora Paralelo 15&Ed. UNESP, 1998.

SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luisa. **Os sinais dos surdos: Uma análise a partir de uma perspectiva cultural**. Trab. Ling. Aplic. Campinas, n(56.1): 163-185, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v56n1/0103-1813-tla-56-01-00163.pdf>. Acesso em: 06 de junho de 2018.